

2010

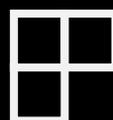
Lugar para a morte na cidade dos vivos

Estudo do pensamento acerca da morte nas sociedades antigas e contemporâneas a forma como isso se reflete na sociedade, com foco no espaço físico destinado a morte: os cemitérios.

Fernanda Cereser Fracaro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

10/12/2010





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Fernanda Cereser Fracaro

Lugar para a morte na cidade dos vivos.

Trabalho referente à disciplina Introdução ao Projeto de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC.

Orientador Cesar Floriano.

Realizado pela acadêmica Fernanda Cereser Fracaro.

Florianópolis

10 de dezembro de 2010

SUMÁRIO

Prefácio	4
Evolução histórica da morte	5
O pensamento	5
A história	9
Morte contemporânea, morte interdita	13
Lugar de morte na cidade	17
Rituais fúnebres X Espetáculo	19
Cemitérios	22
Cemitérios online	23
Turismo em cemitérios.....	24
Superlotação de cemitérios.....	25
Cemitério vertical	25
Referências projetuais	27
<i>In loco</i> - Florianópolis	32
Cemitério São Francisco de Assis (Itacorubi)	33
Diretrizes de projeto	36
Referências	40

Pensar uma arquitetura para os mortos, elaborar os lugares de despedida e recolhimento, criar percursos simbólicos e pontos de memória. Nenhuma dessas atividades é vista de forma a ter potencial para um bom projeto de arquitetura. Mas o que se esquece, na primeira impressão, é que mais do que um lugar para a morte, a arquitetura funerária é um lugar para os vivos. É um lugar para a morte em meio a cidade vibrante. E é um lugar necessário.

O preconceito existe porque essa arquitetura é reflexo da forma como as pessoas se relacionam com a morte e, como consequência, da própria dessacralização da cultura. Os lugares de morte também perdem seu valor simbólico. Existe a recusa da morte, a tentativa de minimizar o seu impacto, escondendo a dor, convertendo os cemitérios em lugares assépticos, neutralizados do mal, seguros. Existe a busca pela imortalidade atrás das ideologias contemporâneas.

A morte contemporânea desaparece e surgem lugares alienados. A arquitetura e o paisagismo desses espaços que se dizem para a morte ajuda a esconder o impacto da própria morte na sociedade. São parques, jardins, grandes prédios higienizados, limpos, são as cerimônias funerárias, os espetáculos, a internet mantendo vivo quem já se foi. Criando lugares pobres de conceito de morte, a morte verdadeira acaba por se manifestar em todos os lugares sem que as pessoas realmente se dêem conta. Não há a consciência da importância de um lugar rico e simbólico para a morte.

“O homem absurdo fixa a morte com uma atenção apaixonada, e esse fascínio o liberta”

Camus

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA MORTE

“A morte pertence a vida como pertence o nascimento. O caminhar tanto está em levantar o pé como em pousá-lo no chão.”

Tagore. Pássaros Errantes, CCXVII.

O pensamento

A filosofia sempre passou pelo tema da morte. Independente da vertente filosófica, a morte tem uma relação muito forte com a vida, sendo que as duas sempre se complementam de alguma forma e, em muitas vezes, a morte é vista como próprio sentido da vida. Sócrates, ao ser questionado sobre sua finitude, afirma que este é o objetivo final de todo filósofo uma vez que é o caminho para a verdadeira sabedoria. Desde essa época, os conceitos de alma e corpo já eram separados e independentes, sendo que o primeiro estaria fadado ao fim enquanto o segundo seria eterno.

A primeira teoria sobre a morte surge no exato momento em que esta morte em particular acontece, a de Sócrates, relatada por Platão em **Fédon**. A forte relação entre a morte e a filosofia se torna mais clara e Platão afirma que ambas tem como princípio comum a separação entre alma e corpo. Em Fédon, Platão afirma que o filosofar é uma preparação para a morte, uma forma de se exercitar a fim de estar pronto no momento da em que a morte chegar.

“Aqueles que filosofam, no sentido exato da palavra, se exercitam para morrer, e não há no mundo homem que tenha menos que eles, medo de estar morto.”

PLATÃO. Fédon.



A morte de Sócrates. Jaques-Louis David. 1787

Platão não busca uma teoria para a imortalidade da alma, mas ele levanta diversas possibilidades do que poderia ser o pós-morte. A partir disso, ele escolhe a opção que o faz mais confortável, que é justamente a imortalidade da alma, a fim de aceitar a morte, que é o objetivo da

filosofia. O objetivo de Platão, pode-se afirmar, portanto, seria uma anulação do medo da morte mais do que uma elaboração de teoria acerca do que acontece após a morte. É uma busca pela saciedade da inquietação da alma, uma remoção da imagem negativa e pesada que a morte significava.

Aristóteles defende a teoria de que o pensamento do homem é uma obra de Deus e, portanto, ao pensar, o homem se torna divino e se aproxima do imortal. Esse pensamento surge a partir do “estudo dos contrários”, onde afirma-se que a morte existe como oposto da geração. Tal dualismo considerado, Aristóteles não se aprofunda na questão do enigma da morte pois, ao se levar em conta que a morte, ou o não-ser, é o oposto do ser, ela seria, além do fim do corpo, o fim do próprio pensamento.

Françoise Dastur cita Epicuro em seu livro **A morte: ensaio sobre a finitude**, onde ele afirmou que a morte não existe para a vida e, quando a morte se faz presente, a vida não existe mais. Nunca há uma existência concomitante do homem e sua morte. Vendo dessa forma, a morte seria nada para os homens. Também é Epicuro quem afirma que os mortais necessitam dos imortais e vice-versa, ou seja, para que seja possível se pensar na imortalidade é necessário que exista o limite do tempo, a morte, que deseja a vida eterna.

Já na modernidade, Hegel apresenta teorias onde a transcendentalidade do homem é importante para afirmar sua superioridade perante os outros animais, por ser pensante, por ter consciência, ela seria um fenômeno a ser superado em prol de um projeto de conhecimento. Diferente de Aristóteles, que acreditava que o homem em sua forma mortal tinha momentos de divino quando pensava, Hegel não define o homem como imortal em momento algum uma vez que somente a consciência é imortalidade, sendo só ela a perdurar após a morte natural. E é exatamente essa morte natural, esse renascimento espiritual da consciência que ele classifica como liberdade, relacionando esta diretamente com a morte. “A única obra e realização da liberdade universal é a morte.” **HEGEL. Fenomenologia do espírito.**

Dentro da fenomenologia, a morte é o não-fenômeno por excelência, o nada, o silêncio, sendo, portanto, impossível descobrir a sua essência. Por isso, sentir-se mortal e finito, ter conhecimento de sua morte, é o que compõe o fundamento da experiência que o ser humano tem de si mesmo. Ao contrário da metafísica, que pensa no *algo após a morte*, a fenomenologia pensa a mortalidade do homem e a relação deste com a sua morte.

A fenomenologia se refere a fenômenos percebidos bem como aos não percebidos, aqueles que não são visíveis, mas existentes. Sendo assim, para cada fenômeno percebido,

haveria ao mesmo tempo uma série de outros fenômenos escondidos, fazendo do invisível não o oposto ao visível, mas a contrapartida dele. Pensando assim, enquanto existente, o ser deve estar aberto para a morte, que não é seu oposto, mas sim corre ao mesmo tempo, lado a lado com a vida. A morte, portanto, está constantemente presente, num estado de iminência, enquanto for possível *ser*. Morte e vida seriam, portanto, paralelas, e é consequência desse fato a possibilidade de viver, uma vez que existe a possibilidade iminente do existir ser suprimido, reduzido ao nada.

Já Sartre não vê a morte como o sentido da vida, muito pelo contrário. Ele não tira da morte a qualidade de absurda e afirma que é ela que rouba todo o significado da vida. Para Sartre, a morte é um acontecimento externo, como nascimento. Uma consequência do meio. Sendo assim, ele separa os conceitos de finitude – quando o ser humano chega ao fim – da morte – que seria algo externo ao ser. Seria a morte, portanto, apenas um limite externo ao ser.

Heidegger desenvolve o conceito do *ser-para-a-morte*, que não se trata simplesmente de um homem no momento da sua morte, mas sim um ser que está aberto tanto para a sua existência quanto para a supressão desta. Segundo Heidegger, a experiência do luto é um *ser-com-o-outro* que é sentido através da privação da presença do outro. Por isso pode-se afirmar que toda vez que se passa por uma experiência de privação, o ser humano tem uma antecipação da sua própria morte, que seria a privação do seu existir. Sendo assim, chorar a morte do outro é, de certa forma, chorar a sua própria morte. Mas a morte de cada um é intransferível e negar o *ser-para-a-morte* seria a decadência. Para Heidegger, para que exista a liberdade em relação à morte, é necessário levá-la em conta como possibilidade o tempo todo, liberar a morte do que a aprisiona, das tentativas de domá-la, dar a ela possibilidade. Para isso, é importante lidar com a angústia que a finitude causa.

Complementando o pensamento de Heidegger, Freud escreve um ensaio intitulado **Além do princípio do prazer**, onde ele relaciona as pulsões de vida e de morte. Segundo ele, os processos mentais sempre buscam constantemente uma diminuição do desprazer ou aumento do prazer através da quantidade de excitação presente no corpo. Paralelo ao princípio do prazer existe o princípio de realidade, onde a busca de prazer é colocada de lado em prol da sobrevivência, ou instinto do homem e este princípio de realidade pode ser responsável por sensações de desprazer ao inibir uma atitude motivada pelo princípio do prazer. E como forma de minimizar o desprazer gerado por esse conflito, os processos mentais acabam por tentar se acostumar com isso através do processo de repetição, para adquirir força perante o

desconforto. Ao se levar em conta que o instinto sempre busca um estágio seguro, anterior ao perigo iminente, estaria este buscando sempre uma repetição. Levando isso em conta, Freud supõe que o estado de vida ideal para o instinto seria um estado antigo já vivido, ou seja, no caso dos seres vivos, a morte seria o estado ideal uma vez que ela aconteceu antes da vida. Portanto, a vida instintual teria por objetivo ocasionar a morte. Isso não faria sentido ao se levar em conta que esses são instintos de “sobrevivência”, mas Freud coloca que todo organismo busca morrer de formas naturais, por si mesmo, e não por causas externas. Por isso evitar acontecimentos que podem causar a morte seria uma forma de alcançar a morte natural, a morte que o organismo busca. Para que haja um equilíbrio, existem os instintos sexuais com uma pulsão de vida, objetivando um prolongamento da vida. Nesse contexto, as células germinais seriam imortais dada a sua capacidade de gerar um novo indivíduo. Para dar credibilidade a sua teoria, Freud cita Weisman que, estudando os protozoários, afirma que eles são imortais posto que podem se transformar num novo indivíduo. A resposta para isso seria que eles não apresentam em separado o indivíduo e as células reprodutivas. A conclusão que Freud chega, portanto, é que a morte se torna uma necessidade a partir do momento que os seres conseguem atingir a imortalidade através da reprodução.

“A morte é antes uma questão de conveniência, uma manifestação de adaptação às condições externas da vida, porque, uma vez as células do corpo tenham sido divididas em soma e plasma germinal, uma duração ilimitada da vida individual se tornaria um luxo inteiramente sem sentido.”

SIGMUND, Freud. Além do princípio do prazer.

A relação que existe entre os pensamentos de Freud e Heidegger seria um paralelismo entre a vida e a morte, onde uma é o oposto da outra, sendo que existem ao mesmo tempo pulsões para os dois extremos – vida e morte – buscando um equilíbrio. Esses dois momentos, morte e nascimento, seriam, portanto, os picos do individualismo, onde cada ser sabe apenas de si. Nesse contexto, para Freud a morte dos outros não contribui em absolutamente nada para a morte de um indivíduo, pois cada um tem a sua própria experiência e não é possível transmiti-la aos outros.

Com opinião divergente de Heidegger e Freud, Baudrillard, em seu livro **A troca simbólica e a morte**, coloca a idéia de simulacro, que seria uma crise numa estrutura qualquer de signos. Essa crise seria o alicerce da dominação, onde existe uma separação do real – a verdade para mim – e o imaginário – os outros. Para o simbólico, a morte seria um aspecto da vida, ou seja, ambos são estados possíveis das pessoas. Através de um simulacro da morte, ou seja, uma administração da morte, surge o poder. Isso se torna possível quando, ao colocar a

“vida” na categoria do real, desloca-se a “morte” para o imaginário, distanciando-a dos homens.

“O preço que pagamos pela “realidade” dessa vida, para vivê-la como valor positivo, é o fantasma contínuo da morte”

BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte. p. 182

Ao contrário do que acreditava Freud ao afirmar que a morte e nascimento são dois extremos da possibilidade do existir, Baudrillard afirma que ambas são equivalentes, que existem ao mesmo tempo, e que é por estarem concomitantes que suas diferenças se acentuam. Baudrillard também coloca a morte como coletiva, onde, assim como o nascimento, é o momento em que o indivíduo pode contribuir com os outros.

No pensamento dos homens contemporâneos, o indivíduo passa a ver a morte como um acontecimento que vêm do exterior. Assim, é possível para ele se armar contra ela e, enquanto vivo, se sentir imortal. Sendo assim, o homem transforma em acontecimento futuro, distante, a própria essência da existência. A partir disso, esse homem pode se relacionar com a sua mortalidade de duas formas enquanto vivo: enfrentando a angústia que ela gera ou mergulhando no cotidiano como fuga desses pensamentos, o que não deixa de ser uma forma de pensar nela. O cotidiano é capaz de ocultar a iminência da morte, ou seja, não se pensa que seja possível morrer a todo e qualquer momento.

Hoje em dia, o homem que morre deixa a sensação de que não foi capaz de realizar tudo o que poderia ter feito em vida, fazendo da morte uma violência. Pensar na morte gera angústia no homem. Mas em geral, não se pensa que talvez seja exatamente isso que torna possível a cultura e a história humanas possíveis, uma vez que por não terminar algo que deveria ter feito, um próximo homem deve dar continuidade ao projeto do primeiro, perpetuando assim a história dos homens. Talvez fosse menos angustiante pensar na morte se os homens tivessem consciência de que, ao nascer, qualquer ser já está pronto para morrer porque o nascimento é o que faz da morte possível.

A história

Em seu livro **História da morte no Ocidente**, escrito em 1975, Philippe Ariès se utiliza de dois importantes registros para entender a visão da morte no tempo, que são o túmulo e o testamento.

Seguindo a classificação de Ariès, o primeiro momento é chamado de Morte domesticada, onde o autor afirma existir uma familiaridade com a morte, que faz parte da realidade. Esse período compreende do séc. V ao séc XII, onde o aspecto mais característico era a coletividade da morte não apenas pelas altíssimas taxas de mortalidade do período, mas principalmente porque o moribundo era o primeiro a se dar conta de sua própria morte. Era função dele próprio organizar o seu ritual fúnebre, que era basicamente convidar um padre para vir a seu leito de morte. A partir desse momento, a casa do moribundo se tornava um espaço público, aberto a comunidade que se reunia em torno do leito. O próprio moribundo realizava a cerimônia, proferia seu testamento oral e enfim tinha a absolvição final realizada pelo padre. Em seguida todos aguardavam o momento da morte, e assim que ela acontecia, era realizado o cortejo que ia da casa do finado até o local do seu sepultamento.

Uma curiosidade do período que parece absurdo hoje em dia é que nos mesmos átrios onde se sepultavam os mortos, eram também realizadas feiras ou quaisquer outras atividades públicas. Eram comuns covas coletivas, onde os túmulos eram impessoais, sem indicação de nomes dos sepultados e, após certo período de tempo, os corpos eram todos exumados e colocados em ossuários. O luto que se seguia era intenso, porém breve. O que caracteriza a Morte domesticada é a coletividade e familiaridade com a morte, que era vista como uma espera até chegar o dia do Juízo Final.

No séc. XII acontece uma mudança profunda no que diz respeito à morte, que Ariès chama a Morte de si mesmo. Nesse momento, o Juízo se transfere para o exato momento de morte do moribundo e esse fato torna toda a experiência de morte em algo individual, onde ele deixa de se confrontar com a comunidade para uma relação exclusivamente entre ele e Deus. O moribundo ainda percebe a proximidade de sua morte e continua presidindo o seu próprio ritual, mas agora acompanhado pelo padre, que era presença obrigatória.

Na Idade Média, o homem tinha a certeza da existência de outro mundo. Por esse motivo era simples celebrar a morte entre parentes e vizinhos, uma vez que se tinha a certeza de nunca desaparecer completamente. O foco do medo não era a morte em si, mas o Juízo Final e o inferno. Esse medo do inferno era tão grande e desesperador que o homem teve a necessidade de criar o purgatório no séc. XII, um local de suplícios, onde existe mais uma chance para aquele que parte.

A maior mudança é percebida no testamento, que passa a ser escrito e prever com precisão os serviços que devem suceder a morte. Os testamentos poderiam prever até três missas de corpo presente dependendo do caso e exigiam um cortejo numeroso. Torna-se

prática comum a fixação dos testamentos em placas metálicas nas paredes externas das igrejas onde ocorriam os enterros, mas ainda sem indicação exata do local onde está o morto. As lápides surgem a partir do séc. XIV, juntamente com as capelas próprias para famílias enterrarem suas gerações. O luto prolongado torna-se exigência dos testamentos e pela própria sociedade, fato que o autor comenta como início de uma interrupção da relação com o morto, ou seja, este momento marca o primeiro passo para a repressão da morte.

A sociedade do séc. XIV foi assolada pela peste, pela fome, pelas cruzadas, pela inquisição; uma série de eventos provocadores da morte em massa. A total falta de controle sobre os eventos sociais teve seu reflexo também na morte, que passou a viver lado a lado com o homem como uma constante ameaça a perseguir e pegar a todos de surpresa. Esse descontrole traz à consciência do homem desta época, o temor da morte. A partir daí, uma série de conteúdos negativos começam a ser associados à morte: conteúdos perversos, macabros, bem como torturas e flagelos passam a se relacionar com a morte, provocando um total estranhamento do homem diante deste evento tão perturbador. Isso explica o medo que foi surgindo na sociedade acerca da morte e o porquê de se iniciar o afastamento dela do cotidiano.



Goya atendido por Dr. Arrieta. Goya

O terceiro período denominado pelo autor de Morte do outro vai dos séc. XVIII a XX e reforça a tendência de repreender a morte. Surge o medo a qualquer referência a morte e, ao mesmo tempo, aparece o culto aos mortos. O momento da morte ainda é assistido, mas os testamentos se tornam laicos, fazendo referência somente à distribuição dos bens materiais. Outra mudança significativa do período é a transferência da morte das mãos da Igreja para o médico. É nesse momento que a figura do médico ainda timidamente se transforma numa barreira entre a família e o moribundo. Inicialmente sua função era somente o diagnóstico e posteriormente a tentativa de tratamento. A família confia e recorre ao médico atrás de tratamento a fim de prolongar a vida do moribundo enquanto este tem instruções

específicas de permanecer em repouso, uma forma de distanciamento dele com a família. No momento de morte ainda permanece o contato com a família uma vez que o médico sai de cena.

Outra mudança muito importante do período aconteceu no modo como eram feitos os sepultamentos. É no séc. XVIII que se iniciam os discursos higienistas que afirmam serem insalubres os sepultamentos em igrejas. A fim de resolver esse problema surgem os cemitérios extramuros, um pouco afastados dos centros urbanos, e a visitação destes espaços no dia de Finados.

O homem da atualidade convive com a idéia de que uma bomba pode cair do céu a qualquer momento. Não é de se surpreender, portanto que ele, diante de tanto descontrolo sobre a vida, tente se defender psiquicamente, de forma cada vez mais intensa contra a morte. Para a morte contemporânea após o séc. XX, que Áries chama Morte Interdita, separou-se um capítulo a parte.

MORTE CONTEMPORÂNEA, MORTE INTERDITA

“O Ser autêntico para a morte, isto é, a finitude da temporalidade, é o fundamento oculto da historicidade de homem.”

Heidegger

No séc. XX houve uma grande mudança na relação dos homens com a morte e com o crescente medo também aumentou o número de problemas emocionais, o que gera uma necessidade inegável de compreender o lidar com os problemas da morte e o morrer.

A importância do ritual se mostra quando a sua ausência gera esse tipo de patologia. Segundo Kubler-Ross, "diminuindo a cada dia sua capacidade de defesa física, atuam de várias maneiras suas defesas psicológicas", ou seja, por não saber lidar corretamente com a morte, as pessoas acabam lidando com ela de forma distorcida. Todo o processo de ritualização da morte e luto tem o único objetivo de acalmar os sentimentos do vivo, sendo, portanto consequência dos sentimentos das pessoas de angústia, raiva ou medo. Ou seja, nada disso faz diferença para aquele que está morto, mas é para quem continua que aspectos como o funeral e o cemitério existem.

Como já citado anteriormente, a morte, ou o fim da vida, é sempre atribuída a uma intervenção maligna, algo externo e violento. Isso porque o homem tem grande dificuldade de se ver e se aceitar como finito. Existe esse discurso contemporâneo onde a morte é algo desumano e é por não pensar na morte que as pessoas se esquecem que vivem. Como afirma Baudrillard, a morte atual é uma paranóia coletiva. Tudo o que gera morte é um atentado contra a vida, uma punição.

É curioso pensar como a sociedade de hoje julga imoral os rituais de canibalismo que eram comuns em algumas tribos sem perceber a grande troca simbólica embutida nesse tipo de comportamento. Ao se comer o morto, a tribo acredita estar perpetuando a sua presença no coletivo, sendo que o morto contribui para a tribo com suas características positivas e a tribo contribui com o morto fazendo com que ele se integre totalmente a ela. O luto tem a mesma função uma vez que é o tempo do indivíduo perceber a morte dos outros e de si mesmo. Não existe entre os primitivos a idéia de morte natural. Toda morte é social, pública e coletiva, fruto de uma vontade adversa que deve ser absorvida pelo grupo, ou seja, através de

festa e ritos. Nesse caso, a morte é jogada e conquistada simbolicamente: o morto ganha estatuto e o grupo se enriquece com a incorporação de um parceiro.

O que Baudrillard coloca é que a morte foi absorvida pela lei do valor. Hoje em dia tudo vira mercadoria. Por exemplo, o tempo, onde uma acumulação indefinida de tempo como valor implica diretamente na escassez de tempo como morte. A morte foi jogada para fora do imaginário coletivo. Isso porque a vida é acumulada como bem. A consequência mais grave de se banir a morte é que ela é valorizada no inconsciente, se transformando em um desejo perverso.

Segundo Georges Duby em **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos**, hoje em dia não existe essa expectativa do dia do Juízo Final que era comum na Idade Média e, portanto, a morte tornou-se o objeto de temor. Na medida em que o conhecimento se expande, cada vez mais os homens têm consciência de que são frágeis e impotentes perante seu destino. Antigamente existiam métodos de se aliviar essa agonia que não funcionam hoje, como, por exemplo, a confissão e a penitência. A psicanálise tentou desempenhar esse papel em determinado momento, mas nada consegue aliviar a agonia que o temor da morte causa.

Na contemporaneidade, a perda do sentimento religioso faz da morte um salto para o desconhecido, causando medo e pavor. Ela é vista com embaraço, faz-se necessário se livrar o quanto antes do cadáver e, para isso, os rituais de sepultamento são breves e apressadas.

Outra mudança que ocorreu no Renascimento foi a ascensão das ciências como sabedoria, como o inquestionáveis. E desde essa época o humanismo busca incessantemente uma razão natural para a morte. Baudrillard explica esse pensamento na medida em que a nossa sociedade tem a necessidade de analisar a morte a partir do ponto de vista da ciência, fazendo do não-vivo um objeto conceitual, separado de realidade de quem vive. Essa exclusão da morte gera, sem que a sociedade perceba, uma pulsão de morte, pois a vida é defeituosa sem o seu duplo. Segundo o autor, “desejar que só exista a vida é fazer que só exista a morte”.

Por perderem a liberdade da morte, as pessoas têm por obrigação viver o máximo de tempo possível. É por esse motivo que, hoje em dia, se tem a sensação de que a “morte natural” é a morte correta, sem que haja brutalidade e violência. Tudo isso é consequência do sistema econômico. O suicídio cresce na sociedade de hoje como forma de desafio a saturação do valor, onde as pessoas não têm o direito de morrer por ser parte de um sistema.

"A sociedade ocidental não sabe o que fazer com os mortos. Um intenso ou íntimo terror preside as relações que ela intervém com esses 'estranhos' - corpos que

bruscamente deixaram de produzir, deixaram de consumir - máscaras que não respondem a nenhum apelo e resistem a todas as seduções."

W. C. Torres. A psicologia e a morte.

Segundo Freud, ninguém crê em sua própria morte. As pessoas se convencem de serem imortais. Reduz-se a morte de necessidade a um fato que acontece em algum momento da vida. E uma das formas que a sociedade inventa de se proteger da morte é a segregação. Ao se analisar a morte na sociedade, é possível perceber que a segregação dos mortos e dos moribundos caminha junto com a dos velhos, dos desviantes, dos imigrantes, dos delinqüentes, etc.

Nesse momento é válido citar a psicóloga Elizabeth Kubler-Ross que, em seu trabalho intitulado **Sobre a morte e o morrer**, fala de diversos casos de moribundos e o preconceito que eles sofrem na sociedade por estarem às portas da morte, estando, portanto, fora do sistema, não trazendo lucro algum e, pelo contrário, trazendo despesas. Segundo a autora, o doente no hospital vira um objeto e investimento financeiro e sofre mais porque suas necessidades emocionais não são supridas em prol das necessidades físicas ao tratá-lo como um objeto. Kubler-Ross também fala da necessidade de se manter as pessoas vivas a qualquer custo, seja com máquinas ou com órgãos vitais substitutos. E a tendência é que se busque formas cada vez mais eficiente de se prolongar a vida, sem se dar conta de que com isso, se está privando as pessoas da morte. Por isso é importante que cada um reflita sobre sua própria morte e antes de se deparar com ela em vida, e isso deve ser feito por todo ser humano individualmente.

Hoje, morre-se no hospital, sem que se tenha o direito de saber da própria morte, a morte é embaraçosa, assim como o luto e não há contato com a morte do outro. A figura do médico é muito importante ao se pensar na morte contemporânea, pois ele é a ferramenta mais eficiente no isolamento do moribundo com a família. É ele quem detém a verdade sobre a morte do paciente, o horário, o motivo e é ele também quem tem maior contato com o moribundo enquanto a família acredita nele e no que a ciência pode fazer para evitar que a morte aconteça. Evitar a morte passa a ser uma questão de técnica.

O mesmo tipo de exclusão do sistema sofre o idoso e pelo mesmo motivo: por estar próximo da morte e por lembrar aos jovens que a morte existe.

"A terceira idade não é mais do que uma fatia de vida, marginal, a-social ao limite – um gueto, uma espera, um declive diante da morte. Trata-se propriamente da

liquidação da velhice. Conforme vivem mais e conforme vencem a morte, os vivos cessam de ser reconhecidos simbolicamente. [...] A expectativa de vida prolongada levou, portanto, apenas a uma discriminação da velhice: esta decorre logicamente da discriminação da própria morte. [...] Sob o signo 'benéfico' da morte natural, ele fez da velhice uma morte social antecipada."

BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte, p. 220.

Desde o momento em que a tão esperada morte natural acontece, o idoso já é um resíduo na sociedade, já está morto socialmente, já não tem função a desempenhar no sistema. Os idosos também trazem a idéia da morte e não é sem razão que isso acontece. Com o progresso da ciência no combate à mortalidade, a associação entre morte e velhice passou a ser cada vez maior. Segundo Kastembaum e Aisenbergem em **Psicologia da morte**, esse evento relega a morte a um segundo plano, algo que só acontece com o outro, com o idoso. Esse pensamento é capitalista na medida em que o novo é sempre melhor que o velho e este deve ser jogado fora. Segundo Maud Mannoni em **O nominável e o inominável**, o idoso remete a uma imagem degradada do jovem, e é dessa imagem insuportável que advém a segregação.

Para a Psicanálise Existencial enunciada por Torres, é o medo da morte que faz com que os homens corram atrás das realizações, a fim de transcender a própria morte.

LUGAR DE MORTE NA CIDADE

“Das sociedades selvagens às modernas, a evolução é irreversível: pouco a pouco os mortos deixam de existir. Eles são rejeitados, jogados para fora da circulação simbólica do grupo”.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. (p. 173)

O que acontece na contemporaneidade é exatamente um afastamento dos mortos em relação ao grupo dos vivos. Historicamente isso foi sendo percebido com o deslocamento do espaço físico destinado para os mortos, inicialmente nas igrejas, que eram lugares sacros de grande importância, depois com o surgimento dos cemitérios, que se afastaram para as periferias e, por fim, hoje em dia, nas grandes metrópoles, onde não existe espaço para o morto, nem físico nem mental. Segundo Baudrillard, uma vez que são banidos os cemitérios do espaço urbano, as cidades em si se transformam em espaços de morte.

As cidades comportam diversos tipos do que ela mesma considera anomalia de comportamento da sociedade, como loucos, delinqüentes e marginais. Mas ela é incapaz de comportar os mortos, pois morrer já não é mais normal. Existe uma necessidade tão grande de se banir a morte para longe que não se percebe quais conseqüências isso gera.

Quando a morte não existe especificamente, significa que ela está em todo lugar. As pessoas têm uma enorme necessidade de segurança hoje em dia em decorrência dessa morte iminente que espera em cada esquina. A segurança foi, desde sempre, imposta (vacinação, medicina, segurança do trabalho, educação escolar, higiene, regulação da natalidade, etc.), ou seja, para que fosse possível controlar a morte, o sistema obrigou as pessoas a se habituarem à segurança. A necessidade de se proteger é conseqüência da morte ter sido afastada da sociedade e de, ao mesmo tempo, estar presente em todo lugar. Pode-se afirmar que se desenvolveu uma paranóia coletiva, ou seja, as pessoas acham que qualquer incidente que gera catástrofes, destruição e mortes - como furacões, terremotos, etc. - são atentados contra a vida. Existe essa visão de que qualquer coisa causadora de morte é maligna, o que, segundo Kubler-Ross, acontece porque o homem é incapaz de se ver como ser finito.

É necessário que haja a troca entre vida e morte para que ambas estejam em harmonia. É importante que exista um espaço para a morte, que exista um ritual de passagem do morto, que a morte não seja vista como tabu. Mas o que se percebe é que até nos cemitérios existe um investimento imobiliário: as pessoas desejam para si o melhor lóculo no

melhor cemitério, contratam as melhores empresas para realizar a melhor cerimônia. E dessa forma, a morte vai virando mercadoria. A morte já não tem mais espaço na sociedade. O cemitério não é mais um lugar sacro. Nem o morto, nem a morte têm lugar e, por isso, se fazem presentes em todo e qualquer lugar.

RITUAIS FÚNEBRES X ESPETÁCULO

“Contra nosso sonho de tudo perder, de tudo esquecer, erigimos uma muralha inversa de relações, de conexões, de informações, uma memória artificial densa e inextricável, e nos enterramos vivos dentro dela com a esperança fóssil de ser descobertos um dia.”

BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte. (p. 244)

Desde os tempos mais antigos, o ser humano tem necessidade de criar rituais para auxiliar no alívio da angústia que a morte de um ente querido causa. Uma vez que não há garantias de vida após a morte, é através de crenças e rituais que se torna menos desesperador lidar com a finitude do ser. No Egito antigo, por exemplo, eram poucos que tinham direito a imortalidade, somente os faraós e pessoas com poder, ou seja, as pessoas comuns eram obrigadas a aceitar sua morte. Hoje em dia ainda existe essa desigualdade perante a morte uma vez que somente os verdadeiros “seres humanos” têm direito a imortalidade e aos outros, a morte. E é para lidar com essa finitude, por não se ter garantias de ser “humano” o bastante para atingir a imortalidade, que se desenvolvem os rituais.

Como já citado, os rituais de canibalismo têm muitos significados positivos embora pareçam imorais para a sociedade ocidental contemporânea. É comendo o morto que os vivos conseguem lidar com a própria morte, que é absorvida pelo grupo. Brinca-se com a morte e conquista-se a morte simbolicamente.

A importância dessa troca simbólica se percebe a partir do momento que, se não realizada de forma satisfatória, a morte de um ente pode se tornar uma forma obsessiva no inconsciente.

Quando a pessoa passa pelo processo de luto corretamente, há uma perda consciente, ou seja, sabe-se aquilo que perdeu e é possível lidar com a perda. Por isso é importante passar pelo processo de luto corretamente. Mas a morte de um ente querido também pode gerar melancolia onde, diferentemente do luto, a pessoa não está consciente da perda. A pessoa sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu nesse alguém.

Existe segundo Freud, um período considerado necessário para que a pessoa enlutada possa passar pela experiência da perda uma vez que o luto demanda tempo e energia para ser

elaborado. A importância do primeiro ano está no fato de que aquele que está em luto enfrenta, pela primeira vez, experiências e datas significativas sem a pessoa que morreu. Mas ainda há vida no luto, pois existe a consciência de recomeço, sendo que a pessoa vai se dando conta de sua condição mortal enfrentando pequenos e grandes lutos ao longo da vida.

Mannoni afirma que na melancolia existe uma espécie de identificação com o objeto perdido a ponto de tornar a si mesmo um objeto abandonado. O melancólico coloca a si mesmo como culpado pela perda do objeto amado. Freud também fala da diferença entre o luto e a melancolia e segundo ele, o melancólico pode apresentar características de mania.

"[...] o maníaco demonstra claramente sua liberação do objeto que causou seu sofrimento, procurando, como um homem vorazmente faminto, novas catexias objetais."

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*.

O que acaba acontecendo é que o indivíduo inicia uma busca indiscriminada de outros objetos. Nisso já se percebe uma patologia que tem por causa a falta de troca simbólica com a morte, uma vez que esse processo auxilia na hora de enfrentar o luto corretamente, sem desenvolver uma loucura de morte.

Hoje em dia o que se percebe é que, por medo de enfrentar a morte, os próprios rituais e festas são mal vistos e não se trata mais de honrar os mortos, mas sim proteger os vivos que se confrontam com a morte de seus entes queridos. Existe um make-up da morte, onde ela é separada do luto e projetada no sorriso e no marketing internacional. Isso acontece porque na sociedade contemporânea, todos os signos não passam de design e dissimular o conteúdo da forma é uma maneira de dominar as pessoas. Na questão da morte, o extremo dessa dissimulação são as *funneral homes*, onde a morte é transformada em serviço social. As *funneral homes* já estão muito populares nos Estados Unidos e estão entrando no mercado brasileiro onde as famílias pagam até 50 000 reais para a cerimônia. Os "eventos" (velórios ou cremação) são realizados num enorme salão, impecavelmente decorado, convidados chegam bem-vestidos e são recepcionados por hostess e servidos por garçons. Existem mestres de cerimônias e homenagens apoteóticas ao falecido. Não é necessário que a família se preocupe sequer com o caixão em que se vai enterrar o morto uma vez que se contrata uma empresa desse tipo. As empresas elaboram todo o tema do evento de acordo com a personalidade do falecido. Os caixões são mais largos, parecendo uma cama, e a toilette-funerária se encarrega de deixar o morto parecendo adormecido, como se pudesse se levantar a qualquer minuto.

Outro exemplo de espetacularização da morte são os cemitérios online, onde a família que enterra o morto num cemitério convencional também compra um espaço na internet para poder colocar mensagens, fotos, vídeos.

O que se percebe, portanto, é que a espetacularização da vida também acaba se refletindo nos rituais de despedida.

“Do birth-control ao death-control, executar as pessoas ou obrigá-las a sobreviver – e a interdição de morrer é a forma caricatural, porém lógica, do progresso da tolerância - o essencial é que a decisão lhe escape, e que elas nunca sejam livres, em sua vida ou sua morte, tendo de viver e morrer de acordo com o visto social.”

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. P. 232

Todo e qualquer ritual é, em si, uma forma de representação. Mas é importante que se depare com o morto, que se lide com a morte, que se enfrente a dor. As *funneral homes* são o extremo da naturalidade, um ideal de morte falsa, um simulacro da vida. É o desejo do homem contemporâneo de ser imortal que se intensifica ao ver o seu falecido como um vivo, deitado em uma cama ao invés de um caixão. Hoje se morre em hospital, sem que se tenha o direito de saber da própria morte e esta, quando acontece, é escondida, camuflada a qualquer custo. Não existe contato algum com a morte do outro. Ao que se pode concluir, a morte se confunde com a lei do valor e o reflexo disso é a fuga. Não se passa por luto, mas as pessoas se tornam maníacas tendo que lidar com a perda sem saber sequer que a perda aconteceu.

CEMITÉRIOS

Porque, mesmo depois que nada
mais nos espanta neste mundo,
resta-nos ainda uma aventura
inérita: a morte.

(Mário Quintana)

Um menino que perde seus pais pode iniciar um processo de complexo autônomo que, segundo Carl C. Jung, acontece quando a imagem de alguém importante que faleceu mergulha no inconsciente e a pessoa começa a agir como se o morto ainda vivesse. Esse é um exemplo de patologia que pode ser destacado pela falta de jeito ao se lidar com a morte. E pode-se perceber uma relação muito forte entre esse reflexo inconsciente com a idéia de assombrações e possessões.

É importante perceber que os vivos sempre carregam os mortos consigo através do sentimento que nutrem pelo ausente, independente do que acreditam que acontece após a morte. Ao se considerar que o morto existe no inconsciente do vivo, ao se ter uma relação com o morto, é possível se relacionar com o mais íntimo do indivíduo. E por isso é importante que o inconsciente não esteja bloqueado, que esteja aberto para a aceitação da morte.

Para que a assimilação de que o ente querido já não vive mais aconteça de forma saudável, é importante que, de alguma forma, a passagem seja ritualizada. É normal as pessoas acreditarem que o ritual é uma forma de auxiliar o morto na sua passagem, mas, mais do que isso, é uma forma de consolo para o vivo. Por isso, pode-se afirmar que cemitérios são lugares dos vivos, é para quem continua vivendo que o cemitério existe.

O costume de enterrar os mortos é antigo, não se pode precisar exatamente de quando. A partir do momento que desperta no homem a preocupação com a morte, o homem passa a tratar seus mortos. A idéia de enterrar surge para os povos pré-históricos uma vez que os mortos eram a própria terra, que concedia a permissão para as plantações e mesmo para o estabelecimento de um novo assentamento.

A decomposição que assola o cadáver exposto gera no ser humano que o abandonou o sentimento de culpa. O que se nota é que todos os ritos funerários parecem obedecer à mesma premissa de adicionar um catalisador à decomposição do corpo para acelerar o processo e “liberar” o morto mais rapidamente. No caso da inumação, o catalisador é a terra e o resultado que se tem vira rico em símbolos: o esqueleto.

Era importante enterrar os mortos segundo a expressão “sete palmos abaixo da terra”. O número sete surge como consequência do estudo da numerologia feito por Pitágoras, onde ele falava que o sete é uma combinação do 3 com o 4, onde o 3, representado por um triângulo, é o Espírito e o 4, representado por um quadrado, é a Matéria. O sete seria então “espírito na terra”.

Hoje em dia os cemitérios já perderam muito da sua importância e acabaram por ser dessacralizados ao longo do tempo, sendo lugares até mesmo perigosos, onde acontecem roubos, rituais satânicos, exumação ilegal de corpos por vingança, dentre outros vandalismos. Cada vez mais a cremação é comum e o ato de enterrar perde propósito. Cremar livra os vivos do compromisso de lembrar o morto e, portanto, está mais adequado aos interesses da sociedade atual. Diversas formas alternativas de velar os mortos estão surgindo, como as *funneral homes*, e os próprios cemitérios online, que curiosamente são o contrário do ato de negar os mortos, mas sim a necessidade de fingir que o morto ainda está em meio aos vivos.

Cemitérios online

Em tempos onde a morte é tão mascarada na sociedade, qual o sentido de, ao mesmo tempo, acontecer exatamente o oposto, a transformação da morte em espetáculo?

Os perfis virtuais na internet são extremamente atuais e, além da exaltação do indivíduo enquanto pessoa em uma rede social, isso também acontece com o morto, onde seu perfil muitas vezes é mantido online e, familiares, amigos, colegas e pessoas próximas podem deixar mensagens, lembrar e divulgar o quão maravilhosa essa pessoa era quando viva. Muitas famílias optam por manter o perfil do morto online exatamente para que seja possível esse contato, essa memória próxima.

Outro aspecto curioso percebido na exaltação da morte é o surgimento dos cemitérios online, onde as famílias, após enterrarem seu morto em um cemitério convencional, compram um lóculo virtual, um espaço onde podem colocar fotos, mensagens e histórias do morto.

É complexo pensar que a morte interdita acontece ao mesmo tempo em que a morte espetáculo. Os cemitérios são afastados da cidade, transformados em lugares de lazer, os mortos são escondidos e livra-se do corpo com muita rapidez, a morte em si vira tabu e falar sobre qualquer um desses aspectos é mórbido e depressivo. Pode-se pensar que essa necessidade de se manter a pessoa viva na internet seja uma consequência da morte interdita. A consciência de que o ritual surgiu com o propósito de acalmar os sentimentos dos vivos que perderam uma pessoa importante se perdeu e os rituais já não têm o valor simbólico que costumavam ter. Com isso, aqueles que velam seus mortos fogem do processo de luto que,

segundo Freud, é extremamente necessário para que se possa superar a perda sem desenvolver patologias.

Pode-se pensar, portanto, que a sociedade tem essa doença gerada pela máscara colocada sobre a morte e isso se revela na necessidade de tornar seu morto imortal na internet. O corpo, como algo biológico, sofre a ação do tempo e se deteriora. A internet surge como ferramenta para se manter para sempre viva a imagem do morto, uma alternativa para a

inevitabilidade da morte.

Ainda não existem estudos específicos sobre a morte no virtual, porém é importante ressaltar que isso existe e a contrariedade disso com o que acontece na realidade.



Cemitério online. campavirtual.com

Turismo em cemitérios

Outro fenômeno interessante que acontece recentemente é a transformação dos cemitérios em pontos turísticos das cidades devido às personalidades históricas sepultadas no lugar. Isso é muito claro ao se analisar o cemitério Père-Lachaise, em Paris, que é um dos pontos mais visitados da cidade por conter túmulos de personalidades como Oscar Wilde, Jim Morrison, Chopin, dentre outros.

O fato de as pessoas quererem visitar o túmulo de uma personalidade não tem em absoluto relação com o valor do cemitério em si, mas sim o valor que essa personalidade traz para o cemitério. O turismo em cemitérios não deixa de ser uma forma de espetáculo da morte, mas não visa a destruição do



Túmulo do escritor Oscar Wilde no cemitério Père-Lachaise, em Paris.

ritual, e sim a valorização do espaço de morte, que é uma vantagem uma vez que ao valorizar o cemitério, este tem maiores investimentos e é mais bem visto pela sociedade.

Superlotação de cemitérios

A superlotação dos cemitérios municipais é um problema que abrange diversos estados do Brasil, sendo que as administrações dos próprios cemitérios procuram as alternativas possíveis a fim de atender a todos.

O que se percebe com maior frequência é a construção de gavetários em meio ao cemitério existente, um pequeno “cemitério vertical”, com lóculos para se enterrar aqueles com menor poder aquisitivo. As gavetas aos pobres. As gavetas são, em geral, ocupadas até cinco anos e após isso é feita a exumação e os restos são levados para um ossuário. Essas gavetas são mal-vistas pela tradição, por isso acaba por receber quem não tem condições de pagar um túmulo abaixo da terra.

Depois da implantação da resolução 335, de 2003, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) decidiu, em 2006, modificar as normas para construção de cemitérios em áreas de mananciais para que ficassem mais compatíveis com a necessidade das prefeituras. Até então, estava proibida a construção de cemitérios em áreas de mananciais com reservatórios de águas, lagos ou rios para abastecimento humano. Agora, volta-se a permitir a construção de cemitérios nesses locais, desde que se mantenha a distância de no mínimo 1,5 metro de lençóis freáticos e um sistema adequado para drenagem da água da chuva.

Desde que executado corretamente o isolamento e respeitando a resolução 335 do Conama, o cemitério não apresenta riscos para o meio ambiente. O problema acontece uma vez que a execução dos gavetários e túmulos não é feita corretamente. Sendo assim, há vazamento de necrochorume, o que causa mau cheiro e polui o ambiente. A má execução é o maior problema percebido nos gavetários construídos em cemitérios para aumentar o número de vagas. É importante pensar em formas alternativas para otimizar o espaço necessário para os mortos.

Cemitério vertical

Como alternativa para a problemática do espaço, surgiram os cemitérios verticais, que além de otimizarem o espaço de um terreno normal, também podem se tornar espaços mais seguros do que os cemitérios convencionais. Nessa categoria de cemitério, os mortos não são

enterrados em pé e sim na tradicional posição horizontal em jazigos elevados de concreto armado chamados lóculos.

Diferente de cemitérios horizontais cuja filtragem dos gases se faz naturalmente pela camada de solo existente sobre as sepulturas, em um cemitério vertical é necessário haver um cuidadoso planejamento para a saída de gases e retenção de necrochorume. Em função da pressão que os gases da decomposição exercem sobre o lóculo, podendo provocar rachaduras que venham a permitir vazamentos de odores e ou líquidos, o que tornaria o local insalubre, fétido e sem condições de ser visitado. Essa ventilação é feita com um tubo que se liga a um grupo de lóculos, sempre pela parte traseira superior do mesmo, e com uma saída na parte superior do empreendimento, esta saída conta com um filtro de gases em sua ponta. Já o necrochorume ou produto da liquefação, esse não é e não deve ser drenado, o fundo do lóculo deve ser impermeável ou possuir uma bandeja plástica para o manter retido enquanto ele se degrada.

Os cemitérios verticais seriam, então, considerados alternativas inteligentes porque são ecologicamente corretos (desde que bem planejados) – não contaminam o ar, o solo e o lençol freático com o necrochorume, não estão sujeitos a chuvas ou geadas e economizam espaço.

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Cemitérios Jardins



Os cemitérios jardins são muito comuns hoje em dia e além de espaço para velar os mortos, muitas vezes funcionam como parques, espaços de lazer, onde as pessoas ficam em meio aos mortos, mas sem perceber que eles estão lá.

Memorial Necrópole Ecumênica - Santos



Tem o mérito de estar no Livro dos Recordes como cemitério mais alto do mundo, o Memorial vende a idéia de preocupação com os mortos e higiene e promove feiras e eventos no próprio cemitério.

Funneral Homes



Muito comuns nos EUA e se iniciando no Brasil, as *funneral homes* têm a proposta de um espetáculo e colocam o morto como vivo, com maquiagem, caixões que parecem camas e cerimônias temáticas.

Cemitério San Catalado de Aldo Rossi



Cemitério de Armea, em SanRemo



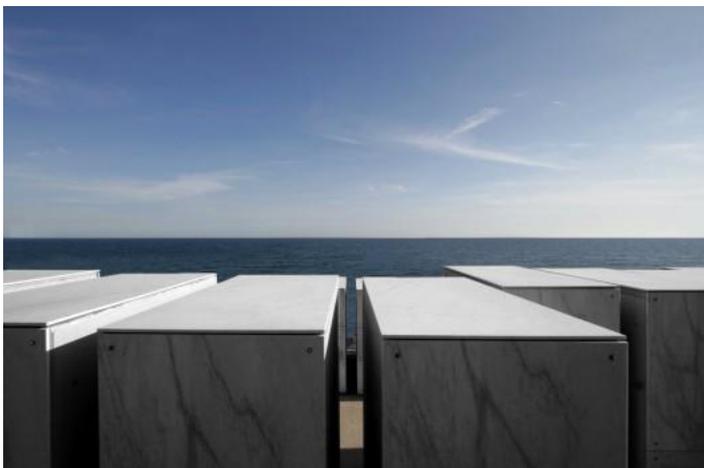
Cemitério de Finisterre, de Cesar Portela



Cemitério Igualada de Enric Miralles



Cemitério Santo Stefano, na Itália, de Amoretti, Calvi e Rannalli



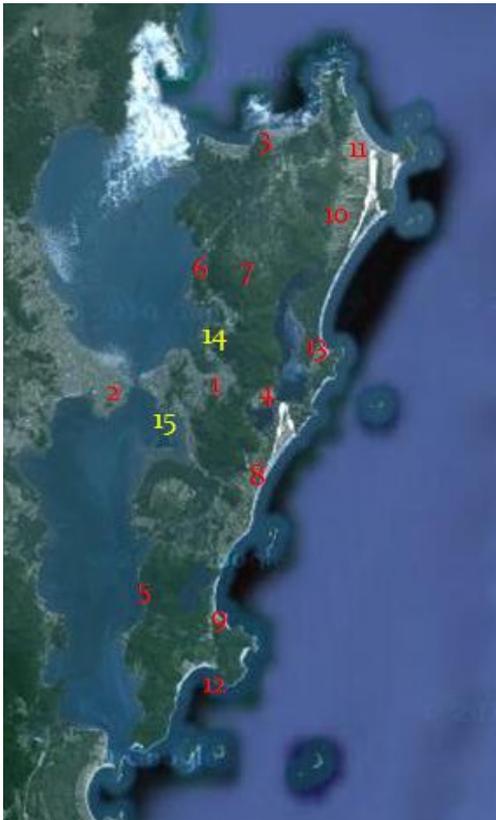
Cemitério São Miguel e Almas, em Porto Alegre - RS



O primeiro cemitério vertical da América Latina reúne obras de arte de 1820 a 1940.

IN LOCO – FLORIANÓPOLIS

A cidade de Florianópolis conta com 15 cemitérios ao todos, sendo 13 públicos e 2 privados. Dos públicos, somente 2 foram criados pela administração pública, o São Cristóvão, em Coqueiros, e o São Francisco de Assis, no Itacorubi, e, atualmente, ambos apresentam problemas de espaço. Os outros 11 são freguesias de igrejas, o que era muito comum no séc. XVIII. Abaixo uma imagem de Florianópolis com a localização de todos os cemitérios existentes.



LEGENDA:

1. Cemitério Municipal São Francisco de Assis (**Bairro:** Itacorubi)
2. Cemitério municipal São Cristóvão (**Bairro:** Coqueiros)
3. Cemitério municipal de Canajurê (**Bairro:** Canasvieiras)
4. Cemitério municipal da Lagoa da Conceição
5. Cemitério municipal do Ribeirão da Ilha
6. Cemitério municipal de Santo Antonio de Lisboa
7. Cemitério municipal de Ratoes
8. Cemitério municipal do Campeche
9. Cemitério municipal da Armação
10. Cemitério municipal do Rio Vermelho
11. Cemitério municipal dos Ingleses
12. Cemitério municipal do Pântano do Sul
13. Cemitério da Barra da Lagoa
14. Cemitério Jardim da Paz (**Bairro:** Saco Grande)
15. Irmandade Senhor Jesus dos Passos (**Bairro:** Centro)

De ambos os cemitérios criados pela administração pública, o São Cristóvão só está aceitando enterrar mortos que já tenham algum membro da família com túmulo no lugar, ou seja, existe uma seleção de quem pode ter vaga no cemitério. Já o São Francisco de Assis ainda apresenta algumas poucas vagas para a comercialização, mas ainda não suficientes pela demanda necessária. Segundo relatos do secretário da Prefeitura Municipal de Florianópolis, senhor José Carlos Rauen, alguns corpos são velados por mais de 26 horas até que ele encontre lugar para que possa ser feito o enterro.

Cemitério São Francisco de Assis (Itacorubi)



Foto tirada do cemitério do Itacorubi. Acervo Pessoal.

O primeiro cemitério público de Florianópolis se localizava no alto do Morro do Vieira. Foi inaugurado em 1840 e, até antes de sua construção, era comum enterrar pessoas em assoalhos, paredes e arredores de igrejas. A necessidade de se construir o cemitério público se deu por diversos motivos, como o discurso insalubre acerca do sepultamento em Igrejas, se

tornando alvo de ataques de médicos e especialistas. O Morro do Vieira foi escolhido como localização do cemitério uma vez que já era referência de memória, sendo que aconteciam ali alguns sepultamentos de animais e pessoas que não tinham direito de serem enterradas nas igrejas. Uma vez fora da Igreja, os cemitérios deveriam fornecer espaço para o sepultamento de todos, como protestantes, negros e pobres.

Ao fim do séc. XIX, a cidade de Florianópolis havia se expandido suficientemente a ponto do cemitério estar perto de áreas urbanizadas e iniciam-se novamente os discursos de higienização da área através da remoção e relocação do cemitério.

“O novo destino dos mortos é pensado agora como um espaço ajardinado, com ruas e com avenidas, bem como se pensara e projetara a cidade dos vivos. Um lugar que deveria estar ordenado, dentro da nova configuração de espaço público pensado para Florianópolis no início do século XX.”

CASTRO, Elisiana Trilha. Trabalho de Conclusão de Curso: *Aqui jaz um cemitério: a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26)*.

Mas o fato que sentenciou o cemitério a ser relocado foi a construção da ponte Hercílio Luz, que teria a sua cabeceira exatamente no Morro do Vieira. A transferência se iniciou no ano de 1923 e as obras atuaram no cotidiano da cidade, sendo concluídas em 1926.

As famílias foram, em sua maioria, exumar seus mortos que estavam no antigo cemitério público, porém nem todas os transferiram para o novo cemitério, que se localizaria então no bairro do Itacorubi, sendo chamado inicialmente de Cemitério das Três Pontes. A transferência dos mortos acontecia concomitante às obras da ponte, sendo que familiares retiravam seus mortos em meio a operários, máquinas e materiais de construção.

No Cemitério das Três Pontes, as famílias podiam optar por diversos tipos de sepulturas, como covas rasas, mausoléus de família, alamedas ou até mesmo o cemitério alemão, que foi a parte transferida com maior cuidado e perfeição. A arquitetura se torna a grande responsável pela memória do morto, sendo o túmulo, portanto, referência de quem foi o indivíduo na sociedade. Outro aspecto que se deve destacar no cemitério que surgia no Itacorubi era que, no mesmo discurso que se empregava para o planejamento urbano no início do séc. XX havia uma necessidade de planejamento para o espaço dos mortos, para que fosse possível criar uma imagem de organização.

“O novo cemitério contava com um sistema de vias internas para circulação de veículos e pedestres, quadras e lotes numerados, quadras de sepulturas perpétuas e rotativas, ossuário comum, necrotério, sanitários públicos e belo ajardinamento. Com alamedas identificadas por A, B, C, D, E e espaços para as Irmandades particulares como a de Nossa Senhora do Parto, a de Nosso Senhor do Espírito Santo, a de Nossa Senhora do Rosário, a de Nossa Senhora da Conceição, a da Ordem Terceira, como também para a Comunidade Evangélica Alemã, o cemitério do Itacorubi foi devidamente planejado para ter aproximadamente 32 quadras, cada qual com sepulturas, perpétuas, arrendadas e temporárias, divididas para uso de adultos, menores e indigentes.”

CASTRO, Elisiana Trilha. Trabalho de Conclusão de Curso: *Aqui jaz um cemitério: a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26)*.

Na época de sua construção, o cemitério do Itacorubi contava com uma área de 17.975m² e capacidade para receber 3.400 sepulturas simples e 100 lotes para jazigos perpétuos. Tinha acesso complicado e a urbanização de Florianópolis ainda não era significativa na área. Seus projetos de expansão previam 30 000 túmulos.

O que se percebe hoje em dia é uma superlotação do cemitério uma vez que não se pensaram em novos espaços ou uma ampliação do existente. Os cemitérios privados surgiram, mas os custos são elevados e poucas pessoas dispõem do dinheiro necessário para manter um túmulo nesse tipo de cemitério. No Itacorubi o que aconteceu foi que todo e qualquer espaço

inicialmente pensado como passagem, estar, ou capelas foi sendo tomado por sepulturas e



Cemitério do Itacorubi. Acervo pessoal.

hoje em dia o terreno está tão saturado que a própria passagem é complicada, sendo necessário muitas vezes passar por cima de túmulos e lápides. Atualmente o cemitério abriga 70 000 sepulturas, foram construídos gavetários executados incorretamente, há vazamento de necrochorume e não há uma manutenção e cuidado com o espaço, que tem lixo jogado em meio aos túmulos.

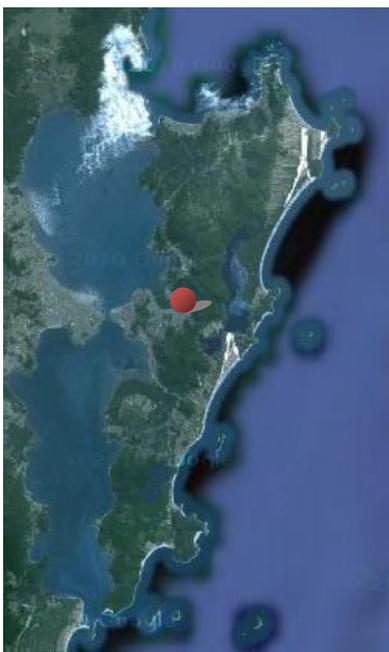
DIRETRIZES DE PROJETO

Toda a pesquisa realizada até o presente momento, a busca de referências e a reflexão objetivam a elaboração de um projeto de cemitério vertical para a cidade de Florianópolis. É curioso como com o caminhar do próprio trabalho, as intenções de projeto foram se modificando em consequência das próprias mudanças que a pesquisa foi causando no projetista. Mais do que buscar um espaço para suprir as necessidades de Florianópolis, buscar um espaço para suprir também as necessidades do ser humano que se depara com a morte.

Com a reflexão, as intenções que antes tinham um objetivo de tornar a morte algo belo agora se transfiguraram em criar um lugar onde a morte existe e onde ela possa ser sentida sem ressentimentos, sem a necessidade de esconder a dor que ela causa.

O estudo in loco da cidade de Florianópolis permitiu mostrar que um cemitério vertical seria uma solução inteligente dada às condições espaciais da ilha e através do estudo de diversas referências, pode-se perceber que lugares dramáticos podem ser criados e, se projetados com cautela, podem quebrar o medo que as pessoas têm dos gavetários e suprir a necessidade de se enterrar literalmente sob a terra.

O terreno escolhido para o projeto está localizado ao lado do cemitério do Itacorubi, na SC 401, e atualmente parte dele é pertencente à CONCAP e outra parte tem casas e galpões, apresentando, ao todo, uma área de aproximadamente 38.000m². É irônico pensar que os mortos se localizam ao lado do depósito de lixo e talvez isso não seja coincidência ao se



levar em conta a forma como a morte é pensada hoje em dia. Elaborando um projeto que ritualize a morte ao lado de um cemitério que está aos poucos perdendo seu significado talvez traga de volta a idéia de que a morte existe e que nos deparamos com ela todos os dias. O cemitério do Itacorubi já é antigo e traz um valor de memória para o terreno. Sua localização é central, por isso não há a necessidade de se relocar o cemitério para um espaço longe da vida urbana, mas sim integrá-lo a ela. Um projeto que visa trazer não só o cemitério para dentro da cidade, mas a cidade para dentro do cemitério. Seria necessária a remoção e relocação de algumas casas existentes.

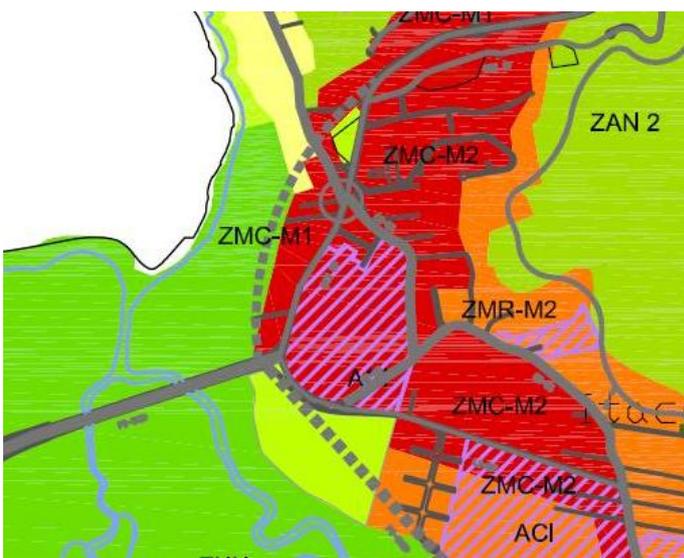


FONTE: maps.google.com.br

LEGENDA:

- Atual cemitério São Francisco de Assis ■
- Terreno ■

Aproveitando o relevo existente na área, pretende-se criar uma fita de, em média, quatro andares, com cerca de 630m de comprimentos e 15m de largura **túmulo padrão internacional**: O número de pavimentos foi decidido dentro do permitido pelo plano diretor da cidade de Florianópolis, como pode ser visto no recorte abaixo.



O terreno se encontra numa Zona Mista Central de média complexidade (ZMC – M1) e apresenta taxa de ocupação de 40% e número máximo quatro de pavimentos.

A fita teria, por estimativa, 15.100 túmulos. Ao se pensar que o cemitério do Itacorubi se iniciou com 30.000 túmulos e hoje apresenta mais do que o dobro, 15.000 parece muito

pouco, mas deve-se considerar a aprovação pela Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (Fatma) do crematório no Hospital de Caridade, que certamente diminuirá a demanda de sepulturas uma vez que muitas pessoas atualmente têm preferência pela cremação ao enterro.

CROQUI

Mas pensando nisso, tem-se como outra diretriz de projeto prever a expansão do próprio cemitério em duas outras etapas, com blocos verticais que comportariam ao todo 6.300 túmulos. O primeiro bloco, maior, teria cerca de 3.600m², também 4 pavimentos e comportaria sozinho 4.800 sepulturas enquanto o segundo seria um pouco menor, com 2.000m² e cerca de 1.500 sepulturas. Como o custo de construções de cemitérios do tipo vertical é elevado, esse projeto de expansão permite que um bloco seja construído por vez, de acordo com a demanda existente e a necessidade.



Cerimônia Toro Nagashi no Japão

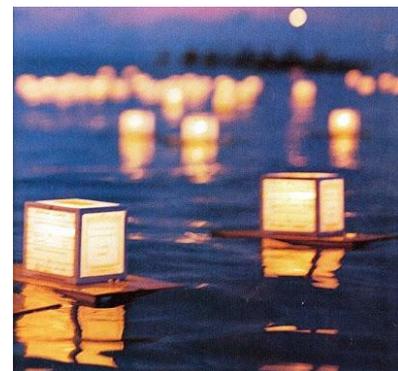
A princípio, pensa-se o volume dos prédios na mesma forma das velas da cerimônia Toro Nagashi, no Japão, onde ao fim do festival O-Ban, as famílias soltam barquinhos nos rios e mar para iluminar os caminhos dos espíritos que estão de partida. Um ritual repleto de significados.

Como água descendo uma colina
flui para o vale
assim também o que é ofertado aqui
beneficia os mortos.

Como rios cheios de água
que abastecem o oceano
assim também o que é ofertado aqui
beneficia os mortos.

Khuddakapatha

(Inscrição budista de oferta aos mortos)



A concepção do projeto foi pensada a fim de criar uma transição harmônica de um cemitério tradicionalmente horizontal, que é o que se tem hoje no Itacorubi, para um bloco mais denso, que seriam os blocos de expansão. Por isso a fita no meio tem o objetivo de dialogar com as duas formas possíveis para se sepultar os mortos.

Trabalhar com luz e sombra, cheios e vazios, escadas e rampas tem o objetivo de deixar o espaço dramático e fazer o visitante refletir sobre a morte dos outros e sua própria. Um espaço que surge da cidade, com a cidade e para a cidade, dando lugar a morte para que a morte não se faça presente em todos os outros lugares.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- DASTUR, Françoise. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998.
- KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.
- ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte**. Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1977.
- W. C. Torres. **A psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: FGV. 1983.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIV, imago, Rio de Janeiro. 1914-1916.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIV, imago, Rio de Janeiro. 1914-1916.
- MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1995.
- CASTRO, Elisiana Trilha. Trabalho de Conclusão de Curso: **Aqui jaz um cemitério**: a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26).
- <http://www.brasilecola.com/psicologia/estudo-teorico-morte.htm>, acesso em 22/09/2010.
- Estudo Teórico da morte
- <http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/332319/>, acesso em 20/11/2010.
- Espaço em cheque nos cemitérios municipais do Estado
- http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq060/arq060_02.asp, acesso em 15/10/2010.
- Cemitérios contemporâneos. Entre a vida e a morte. Fredy Massad & Alicia Guerrero Yeste

<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp207.asp>, acesso em 15/10/2010.

O cenário como pretexto. Maribel Aliaga Fuentes